

ESTRUTURAS DE SOLICITAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL¹¹³

Adriana Leite do Prado Rebello (UFF)
adrianalpr@yahoo.com.br

RESUMO

O pretérito imperfeito do indicativo e do futuro do pretérito podem estar presentes em estruturas que expressam solicitação, no português do Brasil. A escolha de um desses tempos pode ser determinada pela distância social entre os indivíduos, a relação de poder entre eles, a estratégia de polidez em uso. Tais fatores vão revelar peculiaridades da cultura brasileira que vão se refletir no comportamento linguístico do falante do português do Brasil. Analisamos ocorrências de estruturas de solicitação extraídas de entrevistas publicadas na versão eletrônica da revista mensal *Caros Amigos*. Essa publicação conserva as marcas de oralidade de suas entrevistas, o que nos possibilitou ter contato com uma amostra mais autêntica do discurso dos falantes brasileiros.

Palavras-chave:

Ensino do português língua estrangeira. Português do Brasil. Cultura Brasileira.

1. Introdução

O estudo de língua estrangeira na atualidade faz uso de metodologias que privilegiam a interação do aprendiz em diferentes situações de uso da língua. As atividades visam a produzir situações de comunicação real ou simulada, sendo, portanto, mais interativas.

As técnicas utilizadas em sala de aula, por exemplo: incentivam, através da proposta de trabalhos em grupo, a comunicação entre os alunos; estimulam a criatividade por intermédio de atividades de dramatização; valorizam a leitura de textos autênticos, em oposição àqueles criados somente para fins pedagógicos. Através dessas técnicas, o aluno é incentivado a participar de forma efetiva como agente de seu processo de aquisição.

Além de adquirir o saber linguístico, o aprendiz adquire o saber sociolinguístico, ou seja, estuda as normas de uso da língua alvo na sociedade em que se inscreve. O professor, por sua vez, preocupa-se em criar

¹¹³ Uma versão deste trabalho foi apresentada no Congresso Internacional "Português – Língua do Mundo", na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, em São Gonçalo (RJ), na primeira semana de novembro de 2014.

condições para a construção do conhecimento linguístico do estudante, levando em conta, entre outros, o contexto social em que o aluno interage com os nativos e a situação de interlocução em foco. Por exemplo, além de se preocupar em ensinar a conjugação de verbos no futuro do pretérito, o professor também deixa claro para o aluno que formular pedidos com verbos nesse tempo verbal pode deixar expresso um distanciamento entre os interlocutores e a intenção do interlocutor de expressar polidez (*Você PODERIA preencher esta ficha?*)¹¹⁴

Ressaltamos que o importante é lembrar que a competência linguística conjuga-se com a competência comunicativa e com a competência cultural no processo de aquisição de uma língua estrangeira. Para que o aprendiz consiga atingir essas competências, é necessário que domine as normas da língua e saiba como aplicar esses conhecimentos em diversas situações de uso.

A partir de nossa prática do ensino de português do Brasil como língua estrangeira surgiu o interesse em estudar o emprego do pretérito imperfeito do indicativo pelo futuro do pretérito, em estruturas de solicitação do português do Brasil. Após considerar com nossas turmas algumas ocorrências como – *Por favor, eu GOSTARIA de uma água com gás./ Eu QUERIA uma água com gás, por favor./ Você PODERIA desligar o ar condicionado?/ Você PODIA desligar o ar condicionado?* – alguns questionamentos surgiam, tanto por parte dos alunos como do professor.

Se a forma PODIA era usada pela forma PODERIA, o mesmo aconteceria com GOSTARIA e com QUERIA? Haveria alterações no significado das frases? A forma QUERIA não se referiria somente a um passado? Assim, constatamos que era pertinente uma investigação, a fim de tentar assegurar ao aluno estrangeiro como e quando realizar de forma segura e consciente o emprego de um tempo pelo outro em estruturas de caráter injuntivo.

2. O que dizem os materiais didáticos de português do Brasil para estrangeiros?

Selecionamos alguns materiais de grande circulação no Brasil, nos

¹¹⁴ Os exemplos que se apresentam em itálico neste texto foram criados por sua autora.

séculos XX e XXI, voltados para o ensino de português do Brasil para estrangeiros, a saber: Lima et al. (1991); Laroca, Bara & Pereira (1992); Patrocínio, Coudry (1994); Ponce, Burim & Florissi (1999); Fernandes et al. (2008).

Em Lima et al. (1991), nos diálogos das lições nas quais ocorrem estruturas de solicitação, observamos a presença do futuro do pretérito, como na Lição 9: “Eu gostaria de ver o conjunto do anúncio”.¹¹⁵

Laroca, Bara & Pereira (1992) se referem ao nosso tema no que tange aos graus de polidez, mas não deixam claras as nuances que o emprego do pretérito imperfeito do indicativo pelo futuro do pretérito pode imprimir ao enunciado (*idem, ibidem*, p. 35): “Você *podia* abrir a janela?”; “Será que você *podia* abrir a janela?”; “Você *poderia* abrir a janela?”; “Será que você *poderia* abrir a janela?”.

Em Patrocínio & Coudry (1994), o pretérito imperfeito do indicativo aparece em exemplos na seção intitulada “Eu *queria*...” (*idem, ibidem*: 15): “Eu *queria* falar com o Paulo, por favor. (na secretaria)”;

“Eu *queria* uma Coca, por favor (na lanchonete)”. Em outra seção, com o título “Pedir delicadamente” (*idem, ibidem*, p. 31), encontramos as seguintes amostras: “Você *podia* fechar a porta, por favor? (na sala de aula)” e “Moço, você *podia* me dizer as horas? (na rua)”. Na página 155 do mesmo material, há uma seção dedicada ao emprego do futuro do pretérito, na qual se destaca a seguinte estrutura: “A senhora *poderia* dar um recado a ele?”.

Ponce, Burim & Florissi (1999) igualmente apresentam o futuro do pretérito em estruturas de caráter injuntivo, como na Unidade 7: “Alô! Gostaria de pedir informações sobre o seminário da próxima semana”.

Em Fernandes et al. (2008), vemos uma abordagem mais detalhada do futuro do pretérito, quando as autoras apresentam algumas construções com o verbo GOSTAR no futuro do pretérito e observam que nesses casos há a expressão de desejo no momento presente e em tom polido: “Eu *gostaria* de ver um apartamento para comprar.”; “Você *gostaria* de ir ao shopping?”; entre outros. Em lição mais adiante no material didático, encontram-se diálogos em que ocorre o verbo QUERIA, também expressando desejo no momento presente, mas não há nenhuma observação

¹¹⁵ Os exemplos entre aspas são dos autores das obras às quais nos referimos. Os destaques em negrito são nossos.

sobre essa ocorrência.

Podemos concluir que os materiais didáticos abordados não explicitam de forma satisfatória como, quando e em que circunstâncias ocorrem o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em estruturas de solicitação e que efeitos imprimem nessas construções.

3. O futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em estruturas de solicitação

Aprofundaremos então o estudo do valor injuntivo das ocorrências de futuro do pretérito e também de pretérito imperfeito do indicativo, através das quais o desejo do falante está em evidência e pode ser expresso de maneira polida e formal, marcando um distanciamento entre os interlocutores (através do futuro do pretérito) ou de uma forma menos distante e cerimoniosa (pretérito imperfeito do indicativo), dependendo da maneira que o falante quiser negociar a sua *face*.

Numa situação comunicativa, estabelecemos um contato mediado ou face a face com nosso interlocutor. De acordo com Goffman (1967), neste processo de interação, podemos tomar determinadas orientações: uma defensiva, no intuito de salvar a própria *face*, outra protetora, com a intenção de salvar a *face* do outro. Em geral, fazemos uso das duas orientações durante uma interação comunicativa, ou seja, tentamos salvar a nossa própria *face* e preservar a do outro também, utilizando-nos de estratégias de polidez padronizadas em cada cultura.

Para Goffman (*idem*, p. 76-77), o termo *face* consiste no valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma, através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico. “*Face* é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados” (*idem, ibidem*). Quando criamos uma imagem de nós mesmos através de um processo de interação, estamos elaborando o nosso *self*. Este processo de construção vai depender da interpretação que o outro faz das minhas ações, ou seja, dependendo dos julgamentos que se manifestam neste jogo interacional, o sujeito vai “moldando” o seu *self*.

O estudo do futuro do pretérito bem como do emprego do pretérito imperfeito do indicativo por ele revelam-se pertinentes, pois consistem em um dos meios pelos quais interagimos polidamente na nossa cultura e negociamos as nossas *faces*. Utilizando o futuro do pretérito e o pretérito

imperfeito do indicativo com valor injuntivo, negociamos *faces* para conseguir o que desejamos.

Nossos dados foram extraídos de 8 entrevistas publicadas, entre 2001 e 2006, na versão eletrônica da revista mensal *Caros Amigos*, através da visita ao endereço eletrônico <http://carosamigos.terra.com.br>. Ao contrário de muitas publicações já existentes no mercado editorial, a *Caros Amigos* conserva as marcas de oralidade, como também o contexto situacional, o que nos fez selecioná-la para nosso estudo, pois podemos então ter uma amostra mais autêntica do discurso de falantes nativos do português do Brasil.

Analisaremos o comportamento das formas GOSTAR, QUERER, PEDIR e PODER, conjugadas no futuro do pretérito e/ou no pretérito imperfeito, em estruturas de solicitação, isto é, em ocorrências que expressam o desejo do interlocutor. Observemos os exemplos a seguir:

(1) Mylton Severiano – **GOSTARIA** de te ouvir porque não te conheço direito. Como você veio parar nas artes? (CA54_set_2001)¹¹⁶

(2) Sérgio de Souza – **GOSTARIA** de ver você fazer uma consideração sobre os *shopping centers*. (CA61_abr_2002)

Quando utilizado nas solicitações, o verbo GOSTAR no futuro do pretérito, em geral, expressa uma maior formalidade e cerimônia. Em (1) e (2), o entrevistador mantém certo distanciamento do entrevistado através dessa forma do futuro do pretérito com valor de desejo, mas, ao mesmo tempo, estabelece uma relação de maior proximidade, utilizando formas de tratamento como VOCÊ e referindo-se ao seu interlocutor através do pronome TE – elementos que imprimem informalidade ao discurso.

A posição de Mylton Severiano e de Sérgio de Souza como entrevistadores da revista *Caros Amigos* justifica a escolha de uma das formas de solicitação polida do português do Brasil. Como entrevistadores de uma revista direcionada a adultos que se interessam por arte, política, religião etc., espera-se que seja utilizada, no mínimo, uma forma de linguagem mais cuidada.

Brown e Levinson (1987) sugerem que a distância social entre os indivíduos e a relação de poder entre eles podem influenciar na escolha de uma estratégia de polidez e, conseqüentemente, pode exercer papel

¹¹⁶ Revista *Caros Amigos* (CA), número 54, publicada em setembro de 2001.

importante na escolha do futuro do pretérito ou do pretérito imperfeito do indicativo.

Um garçom de um restaurante formal pode, por exemplo, optar pelo futuro do pretérito ao indagar um cliente se ele deseja fazer seu pedido: *GOSTARIA de fazer o pedido agora?* Nessa situação, temos uma relação de poder, na qual o cliente está em uma posição mais alta que o garçom, se considerarmos uma escala de hierarquia.

A distância social marca o grau de proximidade entre os indivíduos que mantém uma convivência. Numa relação de poder entre um chefe de uma repartição pública e um funcionário do mesmo local, o primeiro se situa em uma posição mais alta que o segundo, na escala de poder, mas conserva uma relação de proximidade com seu funcionário, pois está em contato com ele diariamente.

Considerando o contexto acima e levando em conta a cultura brasileira, o futuro do pretérito usado em uma solicitação do funcionário ao chefe, poderia soar muito formal (*Carlos, eu PODERIA falar com você antes da reunião?*). O pretérito imperfeito do indicativo com o verbo PODER poderia ser usado para marcar a proximidade entre os interlocutores.

Na ocorrência (1), o entrevistado é Antonio Abujamra, que teve da própria revista uma caracterização que justifica a liberdade de Mylton Severiano de referir-se a ele com o pronome TE: “Abu merece, sua entrevista é um show de berros, coices, pausas, frases cortantes e lembranças ternas, julgamentos assustadores (até dele próprio) e declarações generosas” (*Caros Amigos*, 2001).

Em (2), o entrevistado estabelece a mesma atmosfera de informalidade do anterior, justificando assim a co-ocorrência das formas GOSTARIA e VOCÊ. Vejamos o que diz a *Caros Amigos* de seu entrevistado: “Paulo Mendes da Rocha é o retrato do arquiteto, o artista, aquele que une à técnica uma visão cósmica, espiritual, política do homem. E ele consegue expor esse pensamento com outra virtude humana indispensável: o humor, e colocações desconcertantes – como a do título abaixo (...) A natureza é um trambolho.” (*Caros Amigos*, 2002)

(3) Paulo Mendes da Rocha – Sobre essas questões básicas acho que não, ao contrário, não tive tempo de fazer nada ainda do que poderia ter feito, GOSTARIA muito que não tivessem feito. GOSTARIA que tivessem verticalizado aqui áreas em que seria o caso de revitalizar ou transformar dentro da rede de metrô. Mesmo este bairro, o metrô vai passar aqui, os intelectuais es-

tão apaixonados por essas casinhas, todo mundo quer morar na Vila Madalena, vai ter que verticalizar isso daqui, porque o metrô vem pra cá e a turma quer morar aqui, não vamos ficar de casinha em casinha, porque gostamos do verde, nem que seja vertical no muro, não resolve nada! (CA61_abr_2002)

No segmento (3), o mesmo arquiteto, Paulo Mendes da Rocha, utiliza a forma GOSTARIA com *valor nocional de desejo*, expressando-se polidamente. Tal escolha pode ser justificada pelo contexto em que se encontrava o entrevistado – uma entrevista a ser publicada em uma revista de repercussão nacional – e também por sua própria posição social como arquiteto.

Em (4) e (5), encontramos o futuro do pretérito com valor injuntivo expresso através de outras formas verbais, como os verbos PEDIR e PODER. Em (5), o valor de desejo expresso pelo futuro do pretérito ocorre de forma mais indireta, pois Marina Amaral não utiliza a estrutura que vem se repetindo até agora, isto é, o foco no entrevistador: *GOSTARIA QUE* e *PEDIRIA QUE* – o seu pedido é quase uma “ordem polida”.

(4) Sérgio de Souza – Dizem que o senhor gosta de ser chamado de Paulinho, então, aproveitando o diminutivo carinhoso, PEDIRIA que falasse da sua infância porque sempre procuramos começar pela história do entrevistado. (CA61_abr_2002)

(5) Marina Amaral – Depois dessa introdução, o Duarte PODERIA fazer a primeira pergunta ao Genoino e já podemos começar o debate. (CA83_fev_2004)

Vale lembrar que no português do Brasil, a forma GOSTAVA não é utilizada pela forma GOSTARIA com valor injuntivo (diferentemente de Portugal), pois não atribuiria ao pedido nenhum grau de polidez, mas expressaria um hábito no passado, causando estranhamento em qualquer interlocutor.

Nos segmentos abaixo, todas as ocorrências do verbo QUERER são no pretérito imperfeito do indicativo e nunca no futuro do pretérito (QUERERIA). De acordo com Bezerra (1993, p. 217), “há uma dificuldade por parte do falante em pronunciar estes verbos na forma em {-ria}”, referindo-se aos verbos QUERER e PREFERIR. A dificuldade estaria na repetição das consoantes vibrantes alveolares sonoras [r], nesses verbos cujas raízes também terminariam pela mesma consoante: <prefer> e <querer>.

A forma QUERIA marca um distanciamento menor entre os interlocutores e não expressa a mesma polidez que a forma GOSTARIA. Com a forma QUERIA, o falante faz uma solicitação de forma polida,

mas sem ser tão cerimonioso ou formal e sem mostrar uma preocupação tão intensa em salvar a sua *face*. Vejamos os segmentos abaixo:

(6) Márcio Carvalho – Eu QUERIA retomar a questão da droga, não o governo Fernando Henrique, mas a droga em si. Te ajuda a trabalhar? Você usa pra se inspirar? (CA50_mai_2001)

(7) Juca Kfourir – Falando em *lato sensu*, QUERIA que você falasse do seu projeto em defesa da língua portuguesa, que te custa, por exemplo, ser ridicularizado pela revista Veja. (CA52_jul_2001)

(8) José Arbex Jr. – Professor, QUERIA que o senhor fizesse um balanço da Universidade de São Paulo hoje, à luz da política do governo Fernando Henrique para a educação. (CA53_ago_2001)

(9) Givanildo Silva – QUERIA emendar outra pergunta. Podemos dizer que os evangélicos, do ponto de vista da conduta, são muito conservadores. Qual era o seu olhar em relação aos meninos de rua, ou aos que estavam na Febem antes de o seu filho ir para lá? (CA60_mar_2002)

(10) Guilherme Azevedo – Eu QUERIA perguntar, não saindo dessa parte que você está collocando, qual a sua relação, na realização de uma obra, com os operários? (CA61_abr_2002)

A forma QUERIA é tão utilizada e tão familiar no português do Brasil, que muitas vezes é utilizada sem a carga estilística da solicitação polida. Weinrich (1968, p. 141) afirma que, quando isso ocorre, esse uso pode empalidecer e deixar de funcionar como um recurso estilístico. Em (11), a forma QUERIA utilizada pelo entrevistado, Abujamra, não demonstra nenhuma intenção de expressar seu desejo com polidez e isso pode ser comprovado por sua maneira irritada e impaciente de terminar a sua fala e até mesmo de pedir o término da entrevista.

(11) Aí eu digo: "Nós sabemos que todo governo é filho da puta!" Aí entram dois atores e dizem: "Você tem razão, Abujamra, todo governo é filho da puta". "E vocês aí? Vocês também acham?" "Também." "E desse lado aqui?" "Também." E fica um negócio que parece que eles vão fazer a revolução. Aí eu digo: "Chega, chega, chega! Senão eles saem daqui e derrubam o Fernando Henrique. Calma!". E aí eles se aplaudem, entendeu? Não é que me aplaudam, eles se aplaudem. Eu fazer a minha vida não quer dizer nada. QUERIA, sei lá. Não me enche o saco! Não me enche o saco! Que mais? Acabou! (CA54_set_2001)

Na visão de Weinrich (*idem*, p. 168), o pretérito imperfeito do indicativo pode expressar *modéstia*, numa escala de nuances que vão desde a discrição à timidez. De acordo com o autor, o *pretérito imperfeito do indicativo de modéstia* geralmente ocorre como auxiliar de um verbo no infinitivo, como vemos nas ocorrências (6), (9,) (10) anteriormente apresentadas e (12) e (13) a seguir.

(12) Felipe Lagnado Cremonese – Você projetou uma capela belíssima em Campos do Jordão. Eu QUERIA entender a visão do ateu fazendo uma coisa tão bonita, que leva as pessoas a olhar para a religião. (CA61_abr_2002)

(13) Palmério Dória – O assédio sexual como se manifesta? Vocês tiveram alguma conversa sobre isso? Eu QUERIA ir além também, tortura e tudo mais. (CA60_mar_2002)

Mas essa não é única estrutura possível com o pretérito imperfeito do indicativo, como podemos ver no segmento abaixo, o verbo PODER no pretérito imperfeito do indicativo:

(12) Cláudio Júlio Tognolli – Você sabe por que o Marcelo Rezende saiu da Globo, não sabe?

José Louzeiro – Sei.

Cláudio Júlio Tognolli – Você PODIA contar pra nós? (CA65_ago_2002)

Pudemos constatar a preponderância das formas GOSTARIA e QUERIA. A primeira sempre utilizada no futuro do pretérito, e a segunda, no pretérito imperfeito do indicativo, não havendo alternância entre esses tempos verbais. O uso do verbo GOSTAR no futuro do pretérito pode marcar distância entre os interlocutores e estabelecer relações de poder entre eles. O verbo QUERER no pretérito imperfeito do indicativo pode encurtar essa distância, mesmo usado em solicitações polidas, sendo menos formal.

Também encontramos casos em que os verbos PODER e PEDIR expressam o desejo do falante e permitem que o pretérito imperfeito do indicativo seja utilizado pelo futuro do pretérito. A alternância entre esses dois tempos verbais vai marcar relações de poder e de distância entre os interlocutores.

Considerando o ensino do português como segunda língua para estrangeiros, podemos afirmar que é complexo assegurar a esse tipo de aluno como e quando realizar de forma segura e consciente o emprego do pretérito imperfeito pelo futuro do pretérito. Nós, falantes nativos da língua portuguesa, utilizamos um tempo pelo outro de forma intuitiva, já que compartilhamos da mesma cultura.

Levamos em conta aqui o conceito de *cultura subjetiva* de Bennett (1998), que se refere a características psicológicas de um grupo de indivíduos, ou seja, está relacionado a seu modo de pensar e de se comportar. A *cultura subjetiva* são “os modelos de crenças, comportamentos e valores aprendidos e compartilhados por grupos de pessoas que interagem entre si”. (*Idem, ibidem*, p. 3)

Baseamo-nos nesse conceito, pois julgamos importante o papel que este tipo de cultura exerce na linguagem. Ela representa a maneira através da qual os indivíduos fazem julgamentos, mostrando o que pensam e em que creem.

Apesar de o espanhol e o português, por exemplo, apresentarem semelhanças no que se refere à expressão de uma solicitação (*Eu gostaria de um café. / Me gustaría un café.*), o modo de pensar e de se comportar dos falantes do português do Brasil vai revelar peculiaridades da cultura brasileira que vão se refletir no comportamento linguístico do falante do português. Assim, as relações sociais e de poder entre os brasileiros vão definir que estruturas serão selecionadas para expressar desejo.

Em geral, na interação entre professor e aluno na cultura brasileira, não necessariamente o segundo precisa estabelecer uma relação de grande distanciamento com o primeiro, ainda que o professor encontre-se numa posição mais alta que seu estudante numa escala de hierarquia.

Seria, portanto, aceitável que o aluno se referisse a seu professor da seguinte forma: *Professor, você PODIA repetir o que acabou de falar?* O estudante revelaria cuidado e polidez ao fazer seu pedido, mas sem estabelecer grande distanciamento de seu professor (note-se o uso do tratamento semiformal *Você*). A forma PODERIA talvez imprimisse um tom de formalidade desnecessário ao ambiente da sala de aula.

Ressaltamos, então, que o importante é lembrar que a competência linguística é parte da competência comunicativa e também que, para o aprendiz atingi-la, é necessário que ele domine as normas da língua e saiba como aplicar esses conhecimentos em diversas situações de uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNETT, Milton J. Intercultural communication: a current perspective. In: _____. *Basic Concepts of intercultural communication: selected readings*. Yarmouth: Intercultural Press, 1998.

BEZERRA, Alba Maria C. A forma em “-ria” na língua culta falada na cidade de São Paulo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: Unicamp, vol. 24, p. 170-230, 1993.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAROS Amigos, São Paulo, maio 2001/ago. 2005. Disponível em:
<<http://www.carosamigos.com.br>>.

FERNANDES, G. R. R. et al. *Muito prazer: fale o português do Brasil*. Barueri: DISAL, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Interactional ritual: essays on face to face behavior*. New York: Pantheon Books, 1967.

LAROCA, Maria Nazaré de C., BARA, Nadime, PEREIRA, Sonia Maria da C. *Aprendendo português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1992.

LIMA, Emma E. O. F. et al. *Avenida Brasil 1*. São Paulo: EPU, 1991.

PATROCÍNIO, Elizabeth F. do; COUDRY, Pierre. *Fala Brasil*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 1994.

PONCE, Maria H. O. de; BURIM, Silvia R. B. A.; FLORISSI, Susanna. *Bem-Vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação*. São Paulo: SBS, 1999.

REBELLO, Adriana L. do P. *O uso do imperfeito do indicativo pelo futuro do pretérito: uma contribuição ao ensino de português do Brasil para estrangeiros*. 2008. Tese (de Doutorado). Faculdade de Letras/Universidade Federal Fluminense, Niterói.

WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.

**ESTUDOS TOPONÍMICOS DOS BAIROS
DA REGIÃO SUL DA CIDADE DE BOA VISTA – RORAIMA**

Antonia Sandra Lopes da Silva (UFAC)
sandrajaine2@gmail.com

Francisca Olavia Gomes de Moraes (UFAC)
olaviagomes627@yhoo.com.br

Veralucia Thomaz Cardozo Silva (UFAC)
veraluciathomaz1@hotmail.com

Sivanilde Rodrigues da Silva (UFAC)
rsvailderodrigues@yahoo.com

Alessandra de Souza Santos (UFAC)

RESUMO

Este trabalho é continuação do estudo preliminar apresentado na Comissão Científica do 24º Fórum Acadêmico de Letras (FALE) e que neste está contempla com as fichas e análise das informações, que centra-se no estudo dos topônimos urbanos dos bairros da zona sul da cidade de Boa Vista. O objetivo é classificar os nomes desses bairros de acordo com as taxinomias toponímicas, bem como evidenciar os fatores que motivaram a variação e mudança dos nomes. O estudo toponímico, submarca da onomástica, dedica-se ao estudo dos nomes de lugares como cidades, vilas, municípios, países. Considerando os aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos, cabendo ainda, estudar origem e significado de tais nomes de acordo com Dick (1991), os topônimos podem ser classificados em duas categorias os de natureza física e natureza antropocultural. A pesquisa aqui apresentada é embasada nas ideias de Isquierdo (2008) e Dick (1991). Através da análise de ficha lexicográfico-toponímica, destacando a importância do resgate histórico/cultural para os moradores contribuindo na disseminação das informações necessárias a leitores, estudantes e pesquisadores. Os instrumentos utilizados foram: levantamentos bibliográficos, pesquisas de campo nos órgãos públicos municipais e estaduais, documentos cedidos pelos moradores dos bairros, depoimento com moradores e presidente de alguns bairros. Os resultados deste artigo é uma amostra parcial das informações coletadas sobre os nomes e histórias dos bairros, vivenciados pelos seus respectivos moradores, quem os criou, decreto lei etc. No entanto, queremos agradecer a todos os moradores, presidentes dos bairros e a câmara municipal de Boa Vista pelas informações cedidas e aos alunos que contribui com informações orais e documentos necessários e, sobretudo a professora Alessandra que nos orientou para o alcance deste objetivo proposto.

Palavras-chave: Fichas. Bairros. Topônimos. Toponímia. Boa Vista.

1. Introdução

As universidades de ensino superior têm acrescentado aos seus estudos curriculares disciplinas voltadas à pesquisa na área da linguística, a